

ao mesmo tempo, esta sintaxe e este vocabulário forjados em outros tempos, a milhares de léguas, a fim de satisfazer outras necessidades e designar outros objetos são impróprios para nos fornecer os meios de falar de nós mesmos, de nossas preocupações, de nossas esperanças”¹¹ mediatas e imediatas.

Enfim, no intuito de se libertarem da opressão da linguagem é necessário se imporem um desafio e obrigação, ou seja, o de semearem a desominização e, posteriormente, o enegrecimento e a feminilização das palavras, angariando a natureza negra e feminina

delas e, neste interim, ir triturando, rompendo os códigos, as regras da linguagem, desportuguesando a língua, retirando, em síntese, a associação, a organização símbolo-ideológica habitual do português. Em suma, darem a si a positividade cultural, histórica, religiosa e espiritual merecida e legítima.

Dagoberto J. Fonseca é Prof. de Antropologia da Fac. de Ciências Humanas da Univ. S. Francisco, Mestrando de Antrop. Social da PUC, Membro do Grupo Atabaque/ASETT.

End.: Rua Baltazar V. da Silva, 192
CEP 05775-150 Parque Regina - SP

DOCUMENTAÇÃO PARA A HISTÓRIA DA IGREJA

CONTINUIDADE E SIGNIFICADO DA UTOPIA NA AMÉRICA

*Fernando Torres Londoño e
Maria Aparecida de Souza Lopes*

Durante este século na América Latina não tem sido poucos os que têm descoberto a presença da utopia na história do continente. Se acreditamos com Karl Mannheim que o espírito utópico se define como a insatisfação de determinados grupos sociais com a situação em que vivem, que os leva a almejar uma sociedade diferente à sua, restabelecendo-se assim a ordem e construindo-se uma nova sociedade em torno de idéias de justiça, equidade e participação, a utopia, mesmo que apresentada de diferentes formas,

aparece percorrendo a história do continente.¹

Inspirador das utopias européias do século XVI, o “Novo Mundo” parece ter sido eleito para ser o albergue natural ou mesmo o último refúgio das utopias ocidentais. Desde o sonho milenarista de Frei Gerônimo de Mendieta à ansiosa busca de uma diluída utopia no final do século XX, uma série de diversas expressões parecem apontar para uma continuidade do espírito utópico na América Latina.²

Contudo, depois da queda dos

11. Sartre, Jean Paul, *Orfeu Negro*, in *Reflexões sobre o Racismo*, Ed. Difusão Européia do Livro (Difel), Trad. J. Guinsburg, 2ª ed., SP, 1960, pp. 117.

1 Karl Mannheim, *Ideologia e Utopia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

2 Jean Lafaye, *Mesias, cruzadas, utopias*, México, F.E.E., 1984, p. 98.

regimes socialistas na Europa, da derrota Sandinista na Nicarágua, das dificuldades pelas quais atravessa o socialismo cubano e da profunda crise do modelo de Estado praticado no últimos 40 anos no continente, não são poucos os que acreditam que definitivamente não há mais espaço para utopias na América. Como em outros momentos de nosso passado, o mercado é apresentado como panacéia para todos os males. Em nome da convicção na inevitabilidade do capitalismo, por acreditar-se que não há outras alternativas, se renuncia à possibilidade da esperança na construção de uma sociedade não edificada na concentração da riqueza, o privilégio para uns poucos e a generalização da pobreza.

Que pode estar significando para nós como latinoamericanos, esta presença em nossa história? Aponta ela para uma mentalidade arcaica e nostálgica que não tem vez na chamada pós-modernidade? Ou pelo contrário ela representa como acredita Ernst Bloch a vigência da esperança e do pulsar contínuo da imaginação?³ São algumas das perguntas que têm orientado nossas reflexões e que ani-

mam esta rápida visão panorâmica do espírito utópico na América Latina.

1. A UTOPIA EM 500 ANOS DE AMÉRICA

O "orbis novu" como o definiu Américo Vespucci no início do século XVI, teria inspirado as utopias formuladas depois por Moro, Campanella e Bacon. Ainda mais, para Don Jose Gaos, América no século XVI, fez aparecer a impossibilidade da utopia como relativa, ao oferecer um espaço para o lugar que não deveria ter espaço.⁴ Foi pois natural que Bacon situa-se a Nova Atlântida em América, já que só no novo mundo se podia hospedar uma nova vida.⁵

Os Franciscanos espanhóis da província de São Gabriel, que vieram ao México a partir de 1524, entenderam também que chegavam às Índias cumprindo o desígnio divino de construir uma sociedade totalmente nova. Naquele território dos mexicanos onde mesmo com a existência da idolatria não existia a heresia e a cobiça, deveria ser instaurado o "milênio"

pelo qual esperavam estes filhos de São Francisco de Assis. Acrescentando-se ao cisma que atravessava a Igreja o "novo mundo" apontava como um sinal de que a salvação definitiva dos justos e o início de mil anos de justiça antes da chegada do Cristo, como o tinha anunciado Joaquim de Fiore no século XIII, estava pronto.⁶

Ainda nos últimos anos, se têm considerados como utópicos os inúmeros levantamentos indígenas de signo messiânico, que começando logo depois da conquista se estendem até o século XX. Alicia Barabas, seguiu seu rastro em todo México, durante cinco séculos e identificou neles a continuidade utópica, manifesta na unidade na esperança, na vontade descolonizadora e nos seus projetos de sociedades alternativas.⁷

Os sonhos de pátrias novas construídas livres da metrópole e da exploração dos poderosos, teriam inflamado também os sentimentos nacionais no México e

estariam na base dos levantamentos de Hidalgo e Morelos.⁸

Os movimentos messiânicos e milenaristas, que se desenvolveram no século XIX e começo do séc. XX entre grupos camponeses, de países como México e Brasil, teriam também um caráter utópico. Chamados de proféticos por Vitorio Lanternari, estes movimentos representariam uma renovação popular de ruptura com a cultura religiosa e a vida social das quais surgem.⁹

Para os camponeses do México e de outras muitas partes de América o domínio e a exploração da terra encarnaria por sua vez a utopia. No México, das aspirações de uma das camadas mais baixas da sociedade, dos camponeses castigados pelo poder dos terratenentes e pela perda de seus direitos consuetudinários sobre a terra, surgiu no sul uma utopia camponesa.¹⁰ Saída do desespero e da esperança como muitas outras utopias, a utopia da revolução

6 Mario Cayota, *Siembra entre tumbas*, Montevideo, CIPFE, 1992, p. 311. Ao respeito dos franciscanos espanhóis e as ideias de Joaquim de Fiore ver ainda, John Phelan, *El reino de los franciscanos en el Nuevo Mundo*, México, IIH-UNAM, 1972.

7 Alicia M Barabas, *Utopias Indias. Movimientos sociorreligiosos en México*, Grijalbo, 1989, p. 10.

8 Jean Lafaye, *Quetzalcóatl y Guadalupe*, México, F.E.E., 1992, p.188.

9 Vitorio Lanternari, *As religiões dos oprimidos*, São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 337.

10 Ao respeito ver Christian Parker, *Otra Lógica en América Latina*, Santiago, F.E.C., 1993, p.289.

3 Ernst Bloch, *El principio esperanza*, Madrid, Aguilar, 1980.

4 José Gaos, *História de nuestra idea del mundo*, México, F.C.E, 1992, p, 239.

5 Ibidem

mexicana se realizava no acesso dos camponeses à terra e na restauração das relações de reciprocidade entre vizinhos. Era desta afirmação de direitos antigos que surgia a utopia representada pela expressão "la tierra para los pueblos" e formulada no Plano de Ayala.¹¹

Este traçava o perfil de uma sociedade de camponeses Construída sobre direitos comunitários, reciprocidade e solidariedade, que negava a concentração da terra, o poder dos terratenentes, a exploração do trabalho e a discriminação. Ela surgia novamente do passado, da posse comunitária da terra por parte dos indígenas, mas se realizava no presente. Utopia fabricada de terra. Utopia porque se acreditava que os homens podiam voltar a reconstituir relações baseadas na fraternidade.

Na América Latina republicana que atravessou boa parte de sua história no meio das ditaduras, a democracia e o estabelecimento de um regime justo não fundamentado na opressão, estariam contendo as feições da utopia. Ainda mais. Nós permitimos acreditar que para alguns países do Caribe

que cresceram à sombra dos Estados Unidos, sua independência perante estes, teria chegado a significar uma situação utópica.

Assim a luta de José Martí pela liberdade e a soberania de Cuba no fim do século XIX, a campanha militar de Sandino pela expulsão dos americanos de Nicarágua no final dos anos 20, ou os esforços diplomáticos e políticos de Guatemala por assegurar o respeito à auto-determinação nos anos 50, estariam apontando para projetos políticos considerados utópicos. Porém os que se atreveram a pensar essa sociedade diferente não foram mais além do sonho de um "belo mundo novo" como dizia Henri Barbusse em 1928 numa carta a Sandino. Talvez nenhum deles tenha ido tão longe como o lutador nicaragüense quando declarou: "Este movimiento es nacional y antiimperialista. Mantenemos la bandera de libertad para Nicaragua y para toda hispanoamérica. Por lo demas neles el terreno social, este movimiento es popular y preconizamos um sentido de avance neles las aspiraciones sociales."¹²

11 "Plan libertador de los hijos del Estado de Morelos..." (Plan de Ayala) em John Womack Jr., *Zapata y la Revolución Mexicana*, México, Siglo XXI, 1985, p. 394.

12 Augusto Cesar Sandino, apud, SELSER, Gregorio, *Sandino General de Hombres Libres*, Buenos Aires, Ediciones Pueblos de América, 1955, p. 148.

Antes mesmo do triunfo do "Movimento 26 de Julho" em Cuba, a revolução realizada sob signos socialistas na América tinha passado a representar a utopia. Com a revolução cubana o sonho de toda uma série de "revolucionários" latino-americanos começou a deixar de ser um sonho e passou a ser uma proposta: a do socialismo. Assim quando na "Declaración de la Habana" de 1960 se condenava no ponto sexto a situação existente, se pretendia condenar toda uma longa história de exploração cravada em todo o continente. Ao proclamar "el derecho de los campesinos a la tierra; el derecho del obrero al fruto de su trabajo; el derecho de los niños a la educación; el derecho de los enfermos a la asistencia médica y hospitalar..."¹³ a "Declaración" traçava pois um caminho para que a utopia se encarnasse no projeto socialista, não só em Cuba mais em toda América. Uma ilha, como nas utopias do século XVI, encarnou a utopia, em tanto que no resto do continente muitos se empenharam por traduzir a utopia em socialismo.

13 "Primera declaración de la Habana" em Fidel Castro, *La Revolución Cubana*, México, Era, p. 243.

14 Ernesto Guevara "Carta a seus pais" em SADER, E, (Org.) E. Che Guevara, São Paulo, Atica.

No panorama de ditaduras dos anos sessenta e setenta no continente, a implantação do socialismo identificado com a utopia mobilizou até Ernesto "Che" Guevara que tinha diferenciado o socialismo de qualquer "utopismo" a partir de seu caráter científico. Não é de estranhar que tenha sido o "Che" Guevara que abandonando seu posto de ministro em Cuba e partindo para a morte nas selvas bolivianas, se despeça de seus pais, sentindo "sob meus calcanhars o lombo de Rocinante", identificando-se com um dos arquétipos latinoamericanos do idealismo: o Quixote.¹⁴ Impedido pelos Estados Unidos de estender-se rapidamente pela América, como nos inícios dos anos sessenta se acreditou, o socialismo apresentava-se claramente como a utopia, através da dificuldade de sua implantação.

Fazendo de sua luta pela transformação da sociedade latino-americana uma exigência de sua Fé, a militância cristã se converteu nos últimos trinta anos em incansáveis proclamadores da utopia. De Helder Câmara nos anos sessenta a Franz Hinkelammert nos anos

noventa, passando por inúmeros agentes de pastoral, estes novos profetas não têm deixado de postular a utopia como uma necessidade de afirmação da vida sob a morte. Triunfo da vida de todos, assegurada através de uma ordem justa e de participação na distribuição da riqueza. Vitória sobre a morte que se evidencia na prática do capitalismo selvagem que mata milhares de crianças por dia em todo o continente. Prenúncio da esperança do reino de Deus que se realiza na história em utopia.¹⁵

Sem um modelo para ser assimilado depois do esgotamento do socialismo real em autoritarismo, burocracia e falta de produtividade, os partidários da utopia na América no final do século XX recorrem a um dos primeiros significados da utopia: vida para todos. Alternativa clara, frente a uma situação de vida para uns poucos e morte para muitos. Afirmação da esperança do triunfo da generosidade, a rebeldia e a imaginação do ser humano sobre a avareza a submissão e o conformismo. Utopia sem rosto para ser inventada e construída cada dia.

2. SIGNIFICADOS DA CONTINUIDADE DA UTOPIA NA AMÉRICA

Até aqui nove registros do espírito utópico na América em 500 anos de história. Numa contagem mais elástica podem ser muitos mais. Continuidade utópica na América Latina que teria na vigência de uma ordem social autoritária e desproporcionada na distribuição da riqueza, o pano de fundo sob o qual atravessaria pontualmente 500 anos de história.

Permanência da utopia na América que chega a estabelecer um caminho próprio separando-se das utopias geradas na Europa. Utopias com protagonistas específicos, palavras de ordem marcadas pelo desejo da transformação social e política, evocação e atualização contínua do passado e um alargamento da dimensão local para a continental.

Nascidas no seio de camadas empobrecidas e desclassificadas, indígenas, camponeses, desempregados, estas utopias seriam originárias dos âmbitos alheios ao centro do poder.¹⁶ Encarnações do espírito utópico que foram encaradas pelo poder colonial, o imperialismo, as ditaduras e os gover-

nos neo-liberais como perigosas para a preservação de sua ordem. Gestando-se pois utopias de desclassificados, frades mal vistos, índios rebeldes, patriotas desordeiros, vagabundos alucinados, camponeses sublevados, nacionalistas radicais, comunistas subversivos, cristãos descontentes e intelectuais vistos como ingênuos ou mal intencionados.

Chamando a uma ruptura com a "desordem institucionalizada" à que consideravam insustentável, as lideranças de todos estes movimentos proclamavam sua certeza na iminência de uma transformação radical, que beneficia-se a todos, porque como diz Martí "se a república não abre os braços a todos, morre a República".¹⁷ Instauraria-se uma ordem social nova, construída sobre a convivência, a cooperação e a solidariedade, que os camponeses de Zapata expressaram determinando que as duas terceiras partes da terras nacionalizadas, fossem destinadas a "pensiones de viudas y huerfanos de las víctimas que sucumban en la lucha del presente plan".¹⁸ Ordem concreta com benefícios

imediatos como a autonomia local, a terra, a distribuição da riqueza.

Assim, ordem composta por homens eleitos pelas suas condições morais como os frades, pelo seu passado indígena, pela sua fé, pela sua pertença a uma comunidade de camponeses ou pelos seus ideais em termos políticos como os revolucionários dos anos 60 aos anos 90, que como Ernesto Guevara eram capazes de "tremar de indignação cada vez que se comete uma injustiça no mundo".¹⁹

Utopia que aparece como novidade mas que pretende ser restauração de uma ordem perdida. Podendo esta ser mítica, pré-hispânica, cristã, apostólica. Utopia concreta que se consegue através de referências tomadas do passado indígena, da tradição milenarista cristã, mas também dos ideais democráticos e socialistas. Trânsito entre presente e passado que em casos como os dos movimentos socio-religiosos, admite a união do antigo anarquismo natural dos "rebeldes místicos camponeses" e do ativismo revolucionário fruto das repercussões da

15 Franz Hinkelammert, *Crítica à Razão Utópica*, São Paulo, Paulinas 1988.

16 Christian Parker, *Otra Lógica en América Latina*, Op. Cit., p. 286.

17 Jose Martí, *Nossa América*, São Paulo, Hucitec, 1991, p. 199.

18 "Plan libertador de los hijos del Estado de Morelos..." (Plan de Ayala) em John Womack Jr., *Zapata y la Revolución Mexicana*, Op. Cit., p. 396.

19 Ernesto Che Guevara "Carta a M. R. Guevara" em SADER, E, (Org.) E. Che Guevara, Op. Cit.

20 Antonio Garcia de Leon, *Resistência y Utopia*, México, Era, 1985, vol I, p. 20.

revolução de outubro, como mostra Antonio Garcia Leon para Chiapas na primeira metade deste século.²⁰

Utopia sim, mas a partir do resgate do passado compreendido, negado e reinventado dialeticamente, em função de um projeto transformador. Salto para o futuro impulsionado pela evocação da memória histórica, que ao dizer de Bonfim Batalla, “ se constituye en un recurso que permite, de um lado, mantener viva las desventuras y de otro, percibir la etapa de sometimiento como pasajera.”²¹

Proposição da utopia através do resgate da memória coletiva de determinados grupos e camadas sociais, em função de uma mudança do presente. Evocado desta forma, o passado contesta um presente de expropriação e sofrimento. Assim, Zapata e seu grupo guerrilheiro ao reivindicar a vigência dos antigos direitos sobre as terras comunais, estava concomitantemente atacando a expropriação do terratenentes e garantindo a administração autônoma da comunidade, entendida esta como espaço cultural e sustentáculo da identidade dos camponeses.²²

Fluxo entre os tempos que leva também ao alargamento do espa-

ço geográfico, seja ele local, regional ou nacional para um espaço mais amplo e em vários casos continental. Mais que a “Nueva Españã” do século XVI as Índias dos franciscanos; mais que a colônia espanhola de Cuba que luta pela sua independência a “Nuestra América” de Martí; mais que a revolução cubana, o socialismo para toda América Latina, anunciado por Ernesto Guevara.

Conclusão

Acreditamos finalmente, que esta continuidade do espírito utópico nos reconcilia com nós mesmos, na medida em que mostra a permanência do inconformismo e da rebeldia ante formas de opressão, sejam elas produto das imposições dos encomendeiros, dos grandes proprietários, da divisão internacional do trabalho ou das classes dominantes de turno. Permanência da utopia, como a definiu Ricoeur, de negação a cumprir um aparente destino que rei-teradamente nos foi mostrado como inevitável.

Podemos assim recobrar a confiança em algo que, a partir do “estouro literário” latinoameri-

cano dos anos sessenta, os europeus e os norte-americanos têm apontado como uma de nossas características: a imaginação.

Porém, essa corrente de sonhos não realizados, é por vezes percebida como uma trilha plantada de espinhos, nossa própria pedra de Sísifo, na provocante expressão de Carlos Fuentes.²³ Com tudo, mesmo que nos seja difícil lidar com essa memória, sua evocação revela um nítido traço de nossa identidade. Temos assim a sensação que nos momentos em que se acreditou na utopia, talvez foram os momentos em que mais fomos nós mesmos. É justamente ali que compreendemos a utopia enquanto parte indissolúvel de nossa identidade. Desta forma, ela se transforma num referencial obrigatório para a enterdermos e caminhar para o futuro.

No mundo onde, as imagens televisivas impõem-se como verdade inquestionável, como afirma Virillo, e a realidade parece perder a possibilidade do cognoscível, discutir a utopia como esta sendo feito aqui, significa também questionar alguma das unanimidades proclamadas deste fim de século: a inevita-

bilidade do liberalismo, a realização humana através do mercado e a ainda o fim da história.

Assim, podemos dizer que afirmar hoje a utopia na América, não é afirmar a utopia como saída fácil ou renúncia a arriscar-nos na procura de soluções imediatas para nossos graves problemas. Exatamente o contrário, se trata de afirmar a utopia na evocação da memória coletiva, como traço de identidade que aponta para a vigência da resistência e da imaginação. Afirmar a utopia, é por fim, afirmarmos a nós como latinoamericanos, aos que ainda lhes faltam palavras para construir a frase que os define.

Fernando Torres Londoño, é Doutor em História pela USP e Coord. do Curso de Pós Graduação em História da Igreja na Faculdade de Teologia N. S. da Assunção. End.: Av. Cons. Rodrigues Alves, 948 Ap. 71. São Paulo - 04014-002.

Maria Aparecida de S. Lopes, é Doutoranda em História no Colégio de México. End.: Rua Paravisco, 116 CEP 082240-660 São Paulo

21 Guillermo Bonfin-Batalla, México Profundo, México, Grijalvo, 1989, p. 189.

22 John Womack Jr., Zapata y la Revolución Mexicana, Op. Cit., p. 223.

23 Carlos Fuentes, Valiente Nuevo Mundo, México, F.C.E., 1992, p. 49.